

perdendo de vez sua fortaleza moral, para preservar a integridade física, ou parte para a reação à afronta, recuperando a moral com a certeza do desvio da ordem social da atitude, com a prisão ou cangaço como destino.

Os elementos envolvidos, resignação ou revolução, não caracterizam neles mesmos uma tese e antítese dialética da condição cultural do personagem sertanejo, como superficialmente aparece em outras narrativas de cunho romântico ou naturalista. O maniqueísmo clássico colocaria Fabiano, de *Vidas Secas*, como resignado diante do mesmo dilema, assim como o Manuel, em *Deus e o diabo na terra do sol*, seria o revolucionário, por assassinar o coronel. As fórmulas dicotômicas reduzem a potência de deslocamento ambíguo e nômade dos personagens. Olney parece perceber isto na leitura enviesada que faz dos personagens mais famosos da tradição regionalista sertaneja. Ele reconstrói a dialética que remete ao dilaceramento dos personagens, chamando a atenção do leitor para a linguagem como um devir de uma subjetividade inacabada. A irracionalidade incontrolável e imprevisível do personagem fruto das contradições da cultura em conflito com a realidade impõe a necessidade de uma ficção humanista mais radical, que incomode o leitor pela exposição direta da violência que simetriza e iguala o vencedor e o vencido. Ou seja, nasce a ação revolucionária tanto da resignação quanto da ação, como poder de resistência diante de circunstância de mera força física.

O caráter romântico ou naturalista da narrativa revela-se no argumento dramático dos textos de Olney, mas o leitor deve observar a obra atravessada por uma estética da violência, que articula ao caráter conservador do tema uma política da violência narrativa que incorpora corte, montagens e imagens do filme de *western* ao enredo literário. O conto de Olney São Paulo problematiza este jogo, após a tensão criada entre Pedro Macário e o coronel Tibúcio, quando a expectativa do leitor vai se deslocando para o campo político conservador ou revolucionário, a partir de intervenção do narrador, que toma a voz do personagem sertanejo:

Pedro Macário de Oliveira, sertanejo calejado de desventuras, montando o seu cavalo velho, zargo e ronheiro, olhava o campo de sisal do coronel Tibúcio e pensava no mundo. Naquele mundo povoado de desgraçados, onde a única esperança de ventura, era a morte. Naquele mundo onde apareceria, para completar o seu infortúnio, o rosto do coronel Tibúcio, severo e frio, a chamar os filhos, os irmãos e os compadres, de miseráveis, de desgraçados, de ladrões (Idem).

As reflexões sobre a situação moral do personagem sertanejo, “que nunca tivera razão” (Idem: 99), dão ao leitor indícios de um provável desfecho para o impasse. O conto cresce em expectativa quando os comentários do narrador, intruso, mesclam-se ao discurso interior de Pedro Macário, preparando a saída pela ação. Morre sua mulher, morrem os seus filhos e ele mergulha nas lembranças dos jagunços mortos, do Conselheiro e tantos outros sertanejos. A sua decisão é tomada pela “dor do ódio, a dor da vingança, a dor de um homem desamparado por Deus e por todos os homens da terra” (Idem: 104). Ele monta a cavalo e parte para a fazenda do coronel, onde se dá uma montagem de choque inesperada pelo leitor que optou pela ação revolucionária, como resposta ao realismo socialista de esquerda que sugere as etapas de consciência ao triunfo do herói. Quando a narrativa se encaminha para o desfecho da ação de vingança do sertanejo contra o coronel, num repente, o narrador encerra a vida do herói Pedro Macário, que: “Nem bem chegara à cancela da “Aroeira”, um tiro de espingarda (...) jogara-o em cima das pontiagudas moitas de sisal” (Idem: 105). Há um corte no interior da cena e o narrador insere com ironia o comentário do coronel Tibúcio sobre quem seria o responsável pelo crime: “– Algum caçador descuidado(...)” (Idem, *ibidem*).

A morte de Pedro Macário destrói a expectativa heróica do épico, mas o conto encerra o relato sugerindo a utopia como mito do beato “tuberculoso, barbudo e feio”, que grita a verdade sobre a morte do sertanejo contra o vento que “tenta sufocar sua voz” (Idem, 105-106).

O conto de tema sertanejo apresenta todos os elementos da tradição do regionalismo. A escrita de Olney se faz segura e corrente, jogando com as peculiaridades narradas: a presença dos mitos, do vocabulário, das sensações táteis e visuais, deslocando a narrativa do conto da sensação ingênua do romantismo e do determinismo naturalista, a fim de lançar o contexto sócio-político para o narrador impotente diante do desfecho. Ele preserva a tradição da narrativa regionalista sob um olhar que insere questões nacionais e ideológicas da contemporaneidade do conto, como a forma da narrativa cinematográfica que desperta no leitor outra sensibilidade sobre a narrativa de ação que a imagem em movimento já havia habituado ao novo público leitor experimentado nos cinemas de aventura.

A tendência para novos elementos descritivos na narrativa de Olney São Paulo está muito clara nos contos da primeira parte do livro *Antevéspera e Canto do Sol*, em que há uma colagem de neo-realismo, surrealismo e experiência concretista na forma cinematográfica de descrever os personagens e

cenários. O lugar ao mesmo tempo é um não-lugar numa alegoria calcada no racionalismo e paradoxalmente no irracionalismo das tradições narrativas populares que o cinema incorpora e redimensiona em seu imaginário. O conteúdo é o mesmo e é outro em relação à tradição modernista, pois ele se dispersa no relato ora lento ora de movimentos bruscos, que coloca o leitor em certo transe dos experimentos da literatura brasileira pós-1950.

Há outros aspectos que aproximam em semelhança e diferença o conto de Olney da tradição do regionalismo sertanejo. Ele sugere um equilíbrio entre a visão de um intelectual leitor de uma tradição literária e um narrador comprometido com a própria memória. Este equilíbrio redefine sua opção ética e estética em conjuntura política que demanda certo engajamento cultural da escritura. A experiência da obra do escritor de Riachão do Jacuípe tem forte relação com a produção cinematográfica da época a partir do momento em que ele mesmo retoma seus contos posteriormente e converte-os de escrita literária em roteiros de cinema, fazendo o tecido narrativo transitar por dentro do discurso literário e cinematográfico nacional. Os contos do seu livro trazem uma visibilidade cinematográfica perfeita, na maioria das vezes iniciando o texto verbal com a técnica de cinema do plano geral: “outrota, onde a catinga de porco, a malva branca e a macambira se balançavam com o vento quente, vindo de um fim de mundo, surge agora o sisal (...)”, *A Rebelião e o Vento* (Idem: 97); “Norteadas de serras, num perder de vistas de catingas cinzas-azuis, distantes – a vila”, *O Destacamento* (Idem: 109); “A procissão, em ritmo lento de marcha fúnebre, seguia o seu caminho de via sacra, por entre aquela rua triste de casas velhas, carcomidas por séculos”, *O ABC do Enforcado* (Idem: 137); e “A praça, nas noites de festa, se enchia de povo, que em volta do coreto, ficava a ouvir o desafio das filarmônicas”, em *A Transcendente Anunciação da Rosa* (Idem: 149), são exemplos do estilo narrativo que agencia no texto literário o imaginário cinematográfico.

A identificação da linguagem fílmica na forma narrativa dos contos, que aparece em vários outros escritores, não pode ser desprezada pela crítica contemporânea, pois abre uma série de questões pertinentes ao imaginário cultural e ficcional do narrador da literatura na atualidade. O crítico não questiona a intencionalidade ou não do estilo do escritor, mas investiga as intensidades de sentidos no jogo de formas da linguagem cinematográfica na literatura. Nos contos de Olney, os planos gerais do início dos enredos reforçam outras técnicas do cinema no desenvolvimento da ação narrativa. Por exemplo, cada parágrafo dos contos fecha a imagem como se fosse uma

truncagem de seqüências ligadas pelos sentidos e não pelas conjunções gramaticais, iniciando outra nova ação em cada parágrafo-seqüência sucessivamente. Isto aparece intensamente no conto *O Destacamento*. Os parágrafos abrem um conjunto de cenas que visivelmente se encerram para ressurgir como continuidade em nova imagem, dando a sensação de plano-seqüência ao relato: ““Cravo Santo” usa um chapéu de couro batido à testa (...)”, em seguida, “A estação, parada rápida do trem(...)”, para em outro parágrafo, “Cabo Samburá espera o trem(...)”(Idem: 109), e (...) “Em um entardecer à beira do riacho, que circunda as ruas da vila, os tristes olhos de Teresa”(...) (Idem: 110), enfim, o conto se desdobra em oito partes, repetindo essa estrutura de montagem.

Cada parágrafo ocupa-se de uma seqüência bem recortada e definida, para num processo de escrita por montagem fazer o encadeamento linear da trama, dando conta da forma tradicional da literatura, mas crivada pela novidade do sistema de narrar cinematográfico. Com este movimento, mesmo os parágrafos de ações interiores dos personagens ganham visibilidade e concisão, saltando das páginas como imagens em movimento. Importa ao leitor saber se esta organização formal traz em si os modelos de representações mentais condicionadas pelo contexto da sociedade na qual a obra foi produzida. Para Antonio Candido (2000:153), toda leitura crítica de obra literária precisa levar em conta:

um nível de realidade e um nível de elaboração da realidade; e também a diferença de perspectiva dos contemporâneos da obra, inclusive o próprio autor, e a da posteridade que ela suscita, determinando variações históricas de função numa estrutura que permanece esteticamente invariável.

São pequenos traços e circunstâncias que mobilizam a recepção da obra de Olney, e, conforme o crítico observa no fragmento acima, é preciso interpretar os detalhes, articulando as teorias mais apropriadas para fazer dialogar a recepção de hoje com os aspectos formais e circunstanciais que o autor conferiu a sua obra no passado.

Verificando as peculiaridades da literatura de Olney São Paulo, construímos nossa provisória tese sobre a sua “literatura menor” neste ensaio, ou seja, a de verificar o paradoxo da relação entre tradição e ruptura no seu texto literário marcado pelo imaginário tradicional, mas cortado pela tendência do diálogo moderno entre o sentido literário e o cinematográfico. Por outro lado, é importante demarcar o quão problemático é o seu distanciamento e aproximação da estética nova do cinema e da literatura brasileira à época dos seus escritos.

Olney São Paulo tem seus primeiros contatos práticos com o cinema novo nacional via Alex Viany, Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos, em filmagens realizadas no início da década de 1960, em Feira de Santana. Contudo, o seu compromisso de engajamento cultural remonta a sua formação literária transformada num jeito singular de realizar documentos e ficções cinematográficas, inclusive as adaptações e os diálogos com obras de Jorge Amado, Cyro de Carvalho e Adonias Filho, entre outros escritores. Os seus documentários retomam o imaginário e a mitologia sertaneja dos seus contos, a exemplo de *Sob o ditame de Rude Almajesto: Sinais de Chuva* (1976), adaptação de uma crônica do escritor conterrâneo Eurico Alves, que narra as tradições camponesas da previsão de chuva no sertão. Ainda neste filme da obra madura de Olney percebemos o recurso inventado por ele nas narrativas literárias, o de retratar os aspectos clássicos da tradição documental do registro da memória popular, mas numa forma cinematográfica de conseqüências fundamentais para o novo documentarismo brasileiro como ensaio antropológico. Os problemas eventuais da produção de baixo orçamento repercutiam no uso da luz direta, do som captado *in loco* com ruídos, nos enquadramentos desfocados e nos planos com câmera na mão, que redimensionam a objetiva clássica do documentário num resultado plástico quase sem precedentes no cinema nacional.

Neste sentido da dialética entre o clássico e o novo, entramos em um campo de discussão ideológica no interior da crítica da literatura e do cinema brasileiro, que, a partir dos anos 1950 é marcada pelos desdobramentos do modernismo. No cinema, um exemplo é o embate entre os cinemanovistas e a tradição representada pela *Vera Cruz*, com o sucesso de *O Cangaceiro* (1953), de Lima Barreto, no que diz respeito ao tema tradicional do cangaço. A dramaturgia clássica da indústria melodramática de estilo hollywoodiano *versus* o cinemanovismo das gerações dos anos 1950/1960 enfraquecem a grande indústria com os modelos experimentais do neo-realismo italiano, da *nouvelle vague* francesa e dos cinemas novos pós-guerra.

Para avaliarmos a narrativa de Olney São Paulo nesse contexto é preciso flagrar o tensionamento entre criação literária e cinematográfica, buscando a sua formação de leitor e de realizador dessas linguagens, o que ainda é pouco estudado da perspectiva crítica contemporânea. A obra de Olney São Paulo, envolvida nos dilemas dos anos 1950/1960, apresenta-se ainda hoje como um importante traço da nossa história literária, cinematográfica e cultural recente. Ela resgata elementos da cultura local em seu conteúdo e é atravessada por uma crise formal que reflete o pensamento estético da

época, ainda vivenciada atualmente nos laços entre o autor e o público, a partir da expansão dos meios de comunicação nos últimos 30 anos e da controvertida construção nesse período de um consumo de massa público hegemônico e de um discurso acadêmico contra-hegemônico, que atravessa as investigações sobre a arte nacional popular, principalmente no que tange à literatura e seus diálogos com o audiovisual e a comunicação massiva. Portanto, várias obras que foram recalçadas ou proibidas na construção do cânone e da figura do leitor ideal podem desvelar novas estratégias de reconhecimento de lugares e olhares para além da forma narrativa convencional.

O quase apagamento cultural de Olney tanto pode ser um descuido do leitor ao se desvencilhar do trauma da repressão militar, que envolveu o acontecimento do seu filme *Manhã Cinzenta*, quanto pode estar ligado às contradições do cânone nacional estabelecido por modelos centrados em certas categorias que excluem as obras “menores”. Além disso, investigar o ocaso da narrativa de Olney São Paulo pode desvelar os falsos problemas advindos da sua visão de mundo literária contraditória entre contos de um imaginário altamente moderno e outros que retomam a tradição regionalista, conforme ele segmenta no próprio livro publicado, dividido em duas partes: *Antevéspera*, que contém contos de uma narrativa radicalmente inovadora na simbologia urbana e na linguagem atravessada por intertextualidade e interdiscursividade; e o *Canto do Sol*, que reúne os contos de tema do sertão. No entanto, as duas partes se suplementam como nova escritura literária, como fica claro na análise dos contos da parte considerada da narrativa tradicional.

*Antevéspera e o Canto do Sol* dialoga potencialmente com a produção literária brasileira dos anos 1950/1960, propondo questões éticas e estéticas em torno do tema rural e urbano fragmentados, trazendo o diálogo com correntes narrativas do pós-guerra vinculadas ao engajamento filosófico e social do autor, do leitor e da obra. A memória regionalista conservadora é acionada, dando conta de momento histórico literário em crise de valores e de formas, o que demarca a própria instabilidade da cultura brasileira em contato com novas tradições de expressão inauguradas pelos modernistas, mas ainda inesgotadas em seus potenciais estilísticos, como é o caso da literatura cinematográfica. Este hibridismo formal reflete a própria mestiçagem cultural do país, fazendo coincidir mais uma vez o conteúdo com a forma de expressão, conforme o radical pensamento da ideologia nacional-popular e das teorias artísticas da época, de acordo com os manifestos

das vanguardas literárias e cinemanovistas, que investiam nas estratégias de comunicação para formar novos públicos comprometidos, no cerne da indústria cultural. Para isto, os escritores e cineastas desdobram as conquistas das narrativas populares do romance regionalista. Como diz Antonio Candido (2000: 125), após os anos 1930, quando o Brasil consegue ampliar o público da literatura para além dos diletantes e “conhecedores”, abre-se logo depois uma nova crise com os meios de comunicação:

Viu-se então que no momento em que a literatura brasileira conseguia forjar uma certa tradição literária, criar um certo sistema expressivo que a ligava ao passado e abria caminhos para o futuro – neste momento as tradições literárias começavam a não mais funcionar como estimulante. Com efeito, as formas escritas de expressão entravam em relativa crise, ante a concorrência de meios expressivos novos, ou novamente reequipados, para nós – como o rádio, o cinema, o teatro atual, as histórias em quadrinhos.

Enfim, olhando em conjunto a obra de Olney São Paulo, percebe-se que ela articula a literatura e o cinema na sua forma escrita ou filmada, assim como o conteúdo do regionalismo sertanejo articula o viés da tradição popular da literatura de 1930 colada a matrizes fragmentadas de personagens urbanos em contraponto aos valores rurais. De certa forma, é uma literatura permeada de dilemas do imaginário cinematográfico, que traz novas expectativas para a literatura brasileira, o que corresponde ao que disse Guimarães Rosa à época: “ – A literatura desaparecerá no Brasil. Só teremos música e cinema (apud NAGIB, 1996: 71)”. Essa afirmação não significa a extinção do escritor ou o desaparecimento do texto literário, mas a transformação da escrita e o retorno ao projeto modernista sobre novas formas de expressão literária. Também Jorge Amado dissera nos anos 1960 que no Brasil desapareciam os narradores literários porque os “jovens artistas são músicos ou cineastas (Idem).”

A possibilidade da hipótese apresentada inicialmente, ou seja, que a narrativa literária de Olney São Paulo assimila a dinâmica cinematográfica no texto ao mesmo tempo em que há um distanciamento da política mais central da vanguarda realista socialista, talvez seja fruto consciente e inconsciente do autor em busca de estratégias para lidar com as contradições sociais, políticas e culturais do país outro que ele apreendeu e reconstruiu das imagens regionalistas e também incorporou da experiência própria de sertanejo. O limite da convergência entre vida e arte, literatura e cinema, tema tradicional do sertanejo e fragmentações urbanas, ou ainda entre a

experiência social do autor e a coerência estética da sua formação modernista desdobrada, todas estas evidências validam novos estudos contemporâneos sobre a produção literária e cinematográfica de Olney São Paulo.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

BENJAMIN, Walter. O narrador – Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas* – vol 1. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Ática, 1986.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

DELEUZE, Gilles. Sobre a Imagem-Tempo. In: \_\_\_\_\_. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

NAGIB, Lúcia. O sertão está em toda parte – Glauber Rocha e a Literatura Oral. In: *Revista Imagens*, n 6, Unicamp, 1996, p. 71.

SANTIAGO, Silviano. *O Cosmopolitismo do Pobre* – Crítica Literária e Crítica Cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SÃO PAULO, Olney. *A Antevéspera e o Canto do Sol* – Contos e Novelas. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1969.





## **E ASSIM SE PASSARAM 25 ANOS! HISTÓRIAS DO GT MULHER E LITERATURA DA ANPOLL**

### **IT DOES NOT SEEM LIKE 25 YEARS. HISTORIES OF THE RESEARCH GROUP 'WOMEN AND LITERATURE' – ANPOLL**

*Constância Lima Duarte\**

*Cristina Teixeira Stevens\*\**

RESUMO: O texto objetiva fazer o mapeamento e breve análise das atividades desenvolvidas pelo GT “Mulher e Literatura” da ANPOLL. Reúne depoimentos das coordenadoras e apresenta um resumo de sua atuação ao longo dos últimos 25 anos, que resultou na realização de seminários nacionais e internacionais, numa intensa produção teórico-crítica, e ainda atividades de ensino e pesquisa em cursos de graduação e de pós-graduação. Questões práticas e específicas da linha de pesquisa também são analisadas e, principalmente, a contribuição do GT para a área de Letras e para os Estudos Feministas e de Gênero no Brasil.

Palavras-chave: GT Mulher e Literatura – estudos de gênero – estudos feministas

ABSTRACT: The aim of the text is to map out and briefly analyze the activities developed by the research group “Women and Literature”, which is part of ANPOLL. Reports from the coordinators are provided along with an overview of its academic activities during the 25 years of its existence. These activities include biannual conferences at national and international level, a rich theoretical and critical production, research, and teaching activities at undergraduate and graduate levels. Other practical issues related to the area “Women and Literature” are also analyzed, as well as our contribution to the wider field of “Letters” and Feminist and Gender Studies in Brasil.

Keywords: Research Group Women and Literature – gender studies – feminist studies

---

\* Universidade Federal de Minas Gerais, Doutora, Professora Associada.  
Email: constanciaduarte@gmail.com

\*\* Universidade de Brasília, Doutora, Professora Adjunta. Email:  
cristinastevens@gmail.com



Este artigo foi construído numa práxis que costumamos adjetivar como feminista, no sentido de que resultou de uma ‘narrativa coletiva’, ou seja, um trabalho realizado em conjunto entre várias integrantes do GT. No momento em que o grupo completa 25 anos de criação, era necessário, a nosso ver, deixar um registro concreto de sua atuação ao longo destes anos, bem como divulgar os nomes de suas coordenadoras, as motivações para sua permanência no meio acadêmico, e algumas das inúmeras atividades que foram então realizadas. Para tanto, solicitamos um depoimento às coordenadoras sobre o período de suas gestões, que, apesar de breve, nos permitem perceber como se deu a constituição do grupo, a consolidação da temática, e fazer um balanço de sua história. A concepção e organização do material aqui apresentado é de nossa responsabilidade, mas seu resultado comprova a sólida parceria de colegas de diferentes instituições, que vivenciaram – e ainda vivenciam – o projeto de construir um GT produtivo e necessário para a democratização das idéias na universidade brasileira. Após os depoimentos, segue-se uma reflexão acerca desta trajetória.

## COORDENAÇÕES DO GT MULHER E LITERATURA

- 1985-1987: Ana Lúcia Almeida Gazolla (UFMG)  
1987-1989: Nádia Battella Gotlib (USP)  
1989-1992: Susana Bornéo Funck (UFSC)  
1992-1994: Rita Terezinha Schmidt (UFRS)  
1994-1996: Constância Lima Duarte (UFRN/UFMG)  
1996-1998: Elódia Xavier (UFRJ) & Lúcia Helena Vianna (UFF)  
1998-2000: Izabel F. Brandão (UFAL) & Luzilá Gonçalves Ferreira (UFPE)  
2000-2002: Zahidé Lupinacci Muzart (UFSC) & Simone Pereira Schmidt (UFSC)  
2002-2004: Peônia Viana Guedes (UERJ) & Sandra Regina Goulart Almeida (UFMG)  
2004-2006: Ildney de Fátima Cavalcante (UFAL) & Liane Schneider (UEPB)  
2006-2008: Liane Schneider (UEPB) & Márcia de Almeida (UFJF)  
2008-2010: Leila Assunção Harris (UERJ) & Ana Cecília Acioli (UFAL)

## DEPOIMENTOS

### 1. NO INÍCIO: A PRESENÇA DE JOSÉ MINDLIN

Nádia Battella Gotlib – USP

#### COORDENAÇÃO 1987-1989

Posso afirmar que participei desde o início das atividades do GT A mulher na literatura. Pois embora não estivesse presente por ocasião de sua fundação oficial, que aconteceu durante o I Encontro Nacional da ANPOLL, realizado nos dias 12 e 13 de dezembro de 1985, na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, de que participaram nossa colega Susana Bornéo Funck e a primeira coordenadora, Ana Lúcia Almeida Gazolla, por solicitação da própria Ana Lúcia, acompanhei o trabalho de sua coordenação, de 1985 a 1987. Sempre ligada à USP, onde atuei durante toda a minha carreira profissional, passava no entanto um período como professora convidada da UFMG, em Belo Horizonte, o que facilitava esse convívio com Ana Lúcia e me possibilitava desenvolver um trabalho conjunto.

Dessa forma pude participar ativamente da nossa primeira reunião do GT, em maio de 1987, na UFRJ, quando, por ocasião do II Encontro da ANPOLL, e sob coordenação da Ana Lúcia, as pesquisadoras se reuniram pela primeira vez enquanto grupo de trabalho, para se conhecerem e debaterem os respectivos resultados de pesquisa. E foram apresentadas 25 comunicações.

A lista de participantes mostra que esse núcleo fundador incluía pesquisadores de várias regiões brasileiras, do Rio Grande do Sul ao Rio Grande do Norte, passando por Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso, Brasília, Pernambuco, Paraíba. E incluía também uma pesquisadora holandesa, da Universidade de Utrecht, Ria Lemaire, de experiência na área dos ‘women’s studies’ e cuja atuação seria decisiva para o direcionamento dos estudos de nosso grupo.

Lembro-me que o grupo, ainda pequeno, era coeso, extremamente entusiasmado e alegre. Por ocasião da eleição da nova coordenadora, quando então assumi os trabalhos de coordenação, houve troca de camisetas, palmas, muito barulho... Nem só de pesquisas sérias e silenciosas alimentávamos nossos sonhos.

Já no encontro seguinte, em maio de 1988 (por ocasião do III Encontro Nacional da ANPOLL), também no Rio de Janeiro, os contornos de “temas e tipos” de pesquisas começavam a se delinear. Mediante tais tendências, a questão “teórica e metodológica” destacou-se como assunto de mesa-redonda, que se desenvolveu ao lado de demais comunicações inscritas.

Finalmente, participei, ainda como coordenadora do GT, da organização do nosso 3º Encontro, de 26 a 28 de julho de 1989, na PUC de São Paulo, quando então foi eleita Susana Bornéo Funck como coordenadora. Para a organização desse encontro de 1989 tive de dar mais um passo no sentido de viabilizar o desenvolvimento das discussões, agrupando as exposições em função das tendências teóricas e críticas. Dessa forma as mesas-redondas desenvolveram debates em torno de: ‘a mulher na literatura e na história’, ‘a mulher na literatura e no jornalismo’, ‘a mulher na literatura e na psicanálise’, além de uma sessão especial sobre ‘a mulher enquanto crítica e ensaísta’.

Nessa reunião da PUC lembro-me de um fato que marcou a história de nosso GT e que se deve também à história das publicações do grupo. As primeiras publicações do GT surgiram sob a forma de *Boletins*, sob minha organização, com a publicação da programação e resumo dos textos de 2 encontros (1988 e 1989), e graças à colaboração da UFMG. Mas sentíamos a necessidade de publicar também os textos, na íntegra, desde o nosso primeiro encontro. Sem condições de levar adiante essa publicação com

recursos da própria universidade, solicitei auxílio para a ‘Vítæ’, depois de conversar, a respeito, com um dos seus conselheiros, o bibliófilo José Mindlin. Já o conhecia, por frequentar sua biblioteca desde 1986, quando obtive dele um presente querido: uma cópia, que ele mesmo providenciou, do romance *A divorciada*, de Francisca Clotilde, que constituiu matéria de uma exposição apresentada por ocasião do nosso primeiro encontro. Conseguimos a verba e os 3 volumes foram publicados, em 1990: o primeiro com textos do primeiro encontro e organização da Ana Lúcia Almeida Gazolla, e os dois seguintes, sob minha organização.

Mas a surpresa aconteceu por ocasião do nosso encontro na PUC-SP, em 1989. Em plena reunião do GT, quando expositoras apresentavam seus textos numa das mesas, aparece o dr. José Mindlin pela sala para acompanhar os trabalhos. Mas não havia meio de chegar até uma cadeira, pois os corredores estavam cheios de bolsas, casacos, livros, papéis... ou seja, uma verdadeira bagunça. Finalmente, tira daqui, põe ali, abriu-se um caminho para o nosso convidado passar. Ficou constatada a existência real de nosso grupo, a massa de nossa produção e uma promessa de empenho nas nossas futuras publicações.

O dr. José Mindlin viria a prestar sua colaboração ao grupo ao longo dos anos, emprestando livros a pesquisadoras interessadas e colaborando para que novas edições de textos de mulheres fossem publicados, como o fez à Editora Mulheres, em projetos desenvolvidos por Zahidé Lupinacci Muzart.

Nesse momento em que vivemos a tristeza por seu recente falecimento, que esse meu breve registro de memória, sobre o início das atividades do GT, seja também um ato de reconhecimento e gratidão pelo apoio que prestou a nosso grupo de estudos, ao viabilizar as três primeiras publicações de textos, na íntegra, no início da nossa história enquanto grupo de estudos. E, posteriormente, em diversas situações, ao disponibilizar sua preciosa e rara biblioteca a tantas pesquisadoras do nosso grupo, sempre pronto ao diálogo com tais visitantes, estimulando, com competência, o entusiasmo pela pesquisa e o amor aos livros e à cultura.

## 2. O GT MULHER E LITERATURA

Susana Bornéo Funck – UFSC

COORDENAÇÃO 1989-1992

Ter participado da criação do GT Mulher e Literatura no I Encontro da ANPOLL em 1985 (ou teria sido 1986?) e coordenado os trabalhos do

grupo entre 1989 e 1992 foi certamente um dos pontos altos de minha carreira no magistério superior, iniciada com o ingresso na UFSC em 1984. Tratava-se de algo muito novo e arriscado, pois em meados da década de 1980 o feminismo acadêmico estava ainda incipiente e mexia com conceitos bastante arraigados na tradição da crítica literária, que insistia na imaterialidade do autor e universalizava parâmetros masculinos de valor. O crescente número de participantes do GT em sua primeira década, no entanto, mostrou de modo inquestionável o grande interesse acadêmico pela área.

Se o feminismo contribuiu para mudar os rumos dos estudos da cultura na segunda metade do século XX e a categoria gênero abriu espaço para novos parâmetros na crítica literária e na prática acadêmica em geral, podemos também afirmar que as pesquisas e os debates desenvolvidos no âmbito do “GT das Mulheres” muito fizeram para alterar a postura crítica no Brasil. O processo de resgate de obras “femininas” esquecidas ou desprezadas pelo cânone talvez tenha sido uma das áreas mais profícuas de nosso trabalho.

Hoje circulam na academia antologias, romances, ensaios e poemas de autoras como Nísia Floresta, Júlia Lopes de Almeida, Maria Firmina dos Reis, bem como trabalhos de escritoras estrangeiras relacionados a nosso país. Além da disponibilização desse vasto acervo, conceitos críticos como os de fronteira, hibridismo, tradução, por exemplo, vêm sendo retrabalhados no contexto brasileiro por meio da análise de obras produzidas por mulheres de várias culturas, propiciando uma visão democratizante e socialmente comprometida da prática crítica literária e cultural. Temos muito a comemorar em relação aos 25 anos de nosso GT.

### 3. UM DEPOIMENTO

Rita Terezinha Schmidt – UFRGS

#### COORDENAÇÃO 1992-1994

O período 92-94 foi de grande efervescência intelectual. Por um lado, era visível o entusiasmo diante do reconhecimento institucional e da consequente abertura de espaços para o protagonismo acadêmico do grupo, apesar do ceticismo inicial de parte de colegas de outros GT's com relação à credibilidade ‘científica’ dos aportes dos ‘nossos feminismos.’ Entenda-se que o termo ‘feminismo’, na percepção do senso comum, era indissociado de práticas definidas como ideológicas, portanto viciadas e incompatíveis com o trabalho sério dos estudos literários de formato mais tradicional que



se mantinham alheios aos desafios colocados pelo avanço da teoria a partir da década de 60.

Lembro que no encontro nacional de 94, houve um episódio desagradável quando um indivíduo do gênero masculino, após a apresentação de seu texto, disparou uma crítica ferina a nossa falta de ‘rigor teórico.’ A indignação com tal atitude foi maior porque não se tratava de um membro do grupo, mas de um colega que simplesmente chegou com a pretensão de dizer para nós, mulheres profissionais, como devíamos corrigir os desvios e acertar o passo no nosso trabalho. Por outro lado, havia uma forte consciência dos imbricamentos entre identidade, conhecimento, valor e cultura e, por conta dela, se sobressaíam algumas práticas pressupostas em uma essencialização estratégica da identidade feminina, calcada na política da identidade e marcada por uma visão sociológica das condições de opressão e silenciamento da voz das mulheres.

Numa atmosfera que defino como de tensão amistosa, os debates decorrentes das diferenças de perspectivas teóricas que coexistiam no espaço do GT projetavam certas dificuldades em conceber a complementaridade entre a área de Estudos da mulher e os estudos de gênero bem como a sua rentabilidade para a crítica feminista.

#### **4. O GT NA DÉCADA DE 90**

Constância Lima Duarte – UFRN / UFMG

##### **COORDENAÇÃO 1994-1996**

Quando assumi a coordenação do GT A Mulher na Literatura, em 1994, ele estava prestes a completar 10 anos de uma existência ativa e produtiva. O mais difícil tinha ficado para trás. O grupo se encontrava em fase de franca consolidação, era respeitado no meio acadêmico, e a linha de pesquisa havia se tornado uma realidade. A cada ano, novas teses, dissertações, ensaios e livros vinham a público, para nosso sincero regozijo.

Nesta época, eu era professora de Literatura Portuguesa e Brasileira na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal, e integrava o Núcleo “Nísia Floresta” de Estudo e Pesquisa sobre a Mulher, da UFRN. A experiência obtida junto ao GT – aliado ao fato de, em 1993, a UFRN ter sediado o V Seminário Nacional Mulher e Literatura – facilitou enormemente o incremento da investigação acadêmica sobre o tema naquela instituição de ensino, incentivando a formação de grupos de estudo e de colóquios

regionais, com a participação de colegas e estudantes do Norte e Nordeste.

Por isso é justo dizer que, se hoje conhecemos o patrimônio cultural das mulheres que nos antecederam, e temos uma ampla bibliografia a respeito, o mérito cabe ao esforço de pesquisa realizado a partir do grupo da Anpoll. Resultado direto dos movimentos feministas internacionais, o GT A Mulher na Literatura (ou Mulher & Literatura) legitimou o projeto político de introduzir a perspectiva feminista no campo intelectual do país, permitiu a construção de paradigmas metodológicos compatíveis ao trabalho, e impôs à comunidade acadêmica o novo fórum de debate, decisivo para a consolidação do tema.

O Boletim de número 6, que organizei, consegue traduzir em parte a efervescência do encontro de 1996, ocorrido em João Pessoa. A programação – que se estendeu ao longo de três dias: 3, 4 e 5 de junho – permitiu que quarenta e um trabalhos fossem apresentados e debatidos intensamente. Nesta ocasião, cerca de 60 professores estavam inscritos formalmente no grupo, como se pode constatar no “Quem é quem” publicado no Boletim, contendo os nomes, endereços, pesquisas e publicações mais recentes. Além disso, ali estão os resumos e textos na sua íntegra, e uma extensa listagem de livros recém publicados, a título de sugestões de leitura.

Enfim, faz muito bem, a todas nós, constatar que, após 25 anos de trabalho ininterrupto, nosso grupo é uma referência no campo da pesquisa acadêmica do país, e que os estudos sobre a mulher e a literatura, mais que um modismo intelectual, tornaram-se definitivamente uma instância concreta de trabalho, na medida em que reinterpreta a posição ocupada pela mulher, dentro e fora do texto literário.

## 5. DEPOIMENTO

Elódia Xavier – UFRJ

### COORDENAÇÃO 1996-1998

Fui coordenadora do GT A MULHER NA LITERATURA, junto com Lúcia Helena Vianna, de 1996 a 1998 e posso acrescentar que, apesar do trabalho, foi uma experiência riquíssima. Eu diria que muito diferente da que hoje exercem as atuais coordenadoras. Primeiro, porque, graças à INTERNET, estamos hoje em constante contato umas com as outras, o que não acontecia antes. Segundo, porque, como apontei no meu texto sobre os Seminários, nos Encontros da ANPOLL, o GT ocupava um espaço, hoje bem mais reduzido. Lendo o Boletim do GT nº7, datado de 1998, verifico o grande espaço que nossas atividades ocupavam no Encontro da ANPOLL

e, como esses Boletins supriam, até certo ponto, a intensa comunicação que existe agora. Em 1998, éramos 26 participantes ativas e nossos endereços constavam do Boletim. Mas o que me chamou mais a atenção foi a presença de uma conferencista, Lia Zanota Machado, professora titular de Antropologia da UnB, com Pós-doutorado na França, que apresentou sua pesquisa, “Enfoques de gênero e Enfoques feministas: desafios metodológicos”. Além disso, a experiência inédita de uma Mesa inter-GTs. Foi muito gratificante coordenar esta Mesa, intitulada “A Mulher posta à mesa”, com Rita Terezinha, representando nosso GT ao lado de Angélica Soares, Aimara da Cunha Resende e Maria Emilia Barcellos da Silva.

Para finalizar, um dado instigante: a pesquisa tinha mais importância do que o trabalho apresentado. O título da seção dos Resumos, PESQUISAS DOS/AS PARTICIPANTES, põe em destaque a pesquisa de cada um/a, seguida do resumo a ser discutido.

## 6. GT A MULHER NA LITERATURA

Izabel Brandão – UFAL  
& Luzilá G. Ferreira – UFPE

### COORDENAÇÃO 1998-2000

Começamos a participar do GT A Mulher na Literatura praticamente desde o seu início. Nossa gestão buscou dar continuidade aos trabalhos de colegas queridas e pioneiras, na seriedade, no senso de humor, no afeto que caracterizam nossos encontros, nestes últimos vinte e cinco anos. De fato, o GT A Mulher na Literatura é um espaço de partilha de descobertas e de amizade, que ultrapassa a simples filiação acadêmica, politicamente situado e intelectualmente empenhado.

Éramos cinquenta pesquisadoras em nossa gestão. Do núcleo inicial ainda se mantêm no GT pouco mais de vinte. Mas novas pesquisadoras surgiram, somos agora mais de cinquenta, espalhadas pelo país, numa movimentação provocadora de renovação que caracteriza pesquisas e debates.

Nossa gestão também cuidou de organizar a história do GT, à época ainda resguardada em textos esparsos, produzidos por várias colegas e que foram compilados por Izabel e publicados no Boletim n. 8 (Edufal, 2000), depois republicado no n. 9 e a seguir no site do GT, possibilitando uma maior divulgação das informações e deixando o espaço aberto para novas atualizações.

Um dos grandes eixos das nossas pesquisas tem sido o resgate da historiografia de autoria feminina do passado, iniciado nos anos 80, quando Luzilá apresentou a pesquisa sobre poetisas pernambucanas do século XIX, lembrando a necessidade de preservação dos valiosos documentos guardadores da memória de companheiras antigas. Logo surgiram outras descobertas, por parte de colegas de outros estados, muitas intimadas a colaborar por Zahidé Muzart, que encampou o projeto nacionalmente, resultando daí três antologias — mais de 3.000 páginas — tornando visíveis escritoras esquecidas pela história oficial: uma obra indispensável em qualquer biblioteca brasileira.

## 7. GT A MULHER NA LITERATURA

Zahide Lupinacci Muzart – UFSC  
& Simone Pereira Schmidt – UFSC

### COORDENAÇÃO 2000/2002

A característica de nossa gestão foi o diálogo com os membros do GT e nossa inserção na rede. Tínhamos a intenção de fazer uma *homepage* para o GT, e com o apoio do curso de PG em Literatura da UFSC, em julho de 2000, já estávamos na internet. Devo dizer que o *email* foi nosso principal instrumento de comunicação com o GT. Procuramos manter um contacto diário com informações que pudessem ser úteis para todas como noticiar todos os eventos nacionais ou internacionais que tivessem alguma relação com a nossa linha de pesquisa; concursos na área, revistas novas que solicitavam artigos, informações bibliográficas, informações sobre livrarias feministas, revistas feministas, informações diversas. A HP, com uma atualização constante, se torna um lugar de encontro e de divulgação importante. Na HP, publicamos todos os artigos apresentados no XV encontro da Anpoll, os artigos apresentados no Seminário Mulher e Literatura, realizado em 2001, em Belo Horizonte, com a coordenação de Constância Lima Duarte, os artigos apresentados no XVII Encontro da Anpoll, em Gramado, 2002.

A partir da observação dos *sites* de escritoras, verificamos a inexistência de um que procurasse trazer informações sobre as escritoras brasileiras do passado assim como as do presente. Implantamos, pois, em 2000, o “Catálogo de escritoras” que contou com a colaboração de quase todas as

integrantes do GT e já apresenta 59 escritoras das quais 22 do século XX e 37 dos séculos XVIII e XIX. Cada verbete traz biografia, obra, bibliografia da escritora e sobre ela e excertos além da foto, quando possível.

Durante o XVII Encontro da ANPOLL, ocorrido em Gramado, RS, de 24 a 28 de junho de 2002, as mesas foram organizadas em torno do tema “Literatura e feminismo”. A conferencista convidada do GT foi a professora/pesquisadora cubana Profa. Dra. Luisa Campuzano (Casa de las Americas, Cuba) cuja palestra intitulava-se: “Doxa y Paradoxa: Estudios de Genero y Literatura de Mujeres en la Cuba de Hoy”.

## 8. GT A MULHER NA LITERATURA

Peônia Viana Guedes – UFRJ  
Sandra Regina Goulart Almeida – UFMG

### COORDENAÇÃO 2002-2004

Durante nossa gestão pudemos registrar grande interesse e procura de inscrição no GT “A Mulher na Literatura”. Acreditamos que isso tenha refletido o crescimento, a consolidação, e a representatividade do GT no mundo acadêmico brasileiro através dos quase vinte anos de sua existência. As pesquisas desenvolvidas pelos membros do GT durante duas décadas ampliaram a área dos estudos relacionados à mulher, possibilitaram o diálogo com pesquisadores de áreas afins, e expandiram visões e perspectivas norteadoras de nossos estudos.

Como em gestões anteriores, o *e-mail* foi o principal instrumento de comunicação do GT nesse biênio. Informações sobre eventos nacionais e internacionais, chamadas de trabalhos, e notícias sobre publicações de interesse do GT foram retransmitidas pela coordenação do GT e circularam constantemente entre os membros do grupo.

A *home page* do GT – [www.amulhernaliteratura.ufsc.br](http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br) – permaneceu em Santa Catarina, mantida e atualizada por Zahidé Muzart. A página foi um excelente cartão de visitas do GT e tivemos inúmeras solicitações de pesquisadoras, professoras e alunas buscando endereço e informações sobre a página. Dentre as publicações do GT, o livro *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura*, organizado por Izabel Brandão e Zahidé Muzart, (Florianópolis: Editora Mulheres, 2003), contendo trinta e cinco trabalhos completos, recuperou a seleção de textos apresentados por participantes do GT “A Mulher na Literatura” nos encontros de 2000 e 2002.

De 10 a 13 de agosto de 2003, realizou-se em João Pessoa o “X Seminário Nacional Mulher e Literatura”, que foi também o “I Seminário Internacional Mulher e Literatura” do nosso GT da ANPOLL. O Seminário, intitulado “Mulheres no Mundo: Etnia, Marginalidade e Diásporas”, aconteceu sob a competente coordenação de Nadilza Moreira, da Universidade Federal da Paraíba, e contou com atuantes comissões organizadoras e efetiva colaboração de equipe de alunos. O evento, de grandes proporções e imensa variedade de contribuições, fez uma homenagem às professoras organizadoras do I Seminário Nacional sobre a “Presença da Mulher na Literatura” (1987) e contou com a conferência de Heloísa Buarque de Hollanda sobre “O feminismo e a geração anos 90”. O Seminário foi organizado com sete mesas redondas, vários mini cursos, e inúmeras sessões de comunicações, além de variados eventos culturais. O CD-ROM do “X Seminário Nacional” (ISBN 85-7539-167-4) foi distribuído para os membros do GT no XIX ENANPOLL. O livro resultante do “I Seminário Nacional”, com textos completos apresentados nas palestras e mesas-redondas, foi publicado no segundo semestre de 2004.

O encontro do GT “A Mulher na Literatura” em Maceió, dentro da programação do XIX ENANPOLL, realizado de 28 de junho a 02 de julho de 2004, contou com a participação de 29 membros efetivos, que apresentaram textos resultantes de suas pesquisas e discutiram os rumos do GT no biênio 2004-2006. Para o evento, a coordenação do GT preparou e distribuiu o *Boletim* nº 10, com a programação do GT, os resumos das apresentações no XIX ENANPOLL, o “Quem é Quem no GT” com dados pessoais e de pesquisa dos membros efetivos do GT, além de textos sobre o histórico dos encontros e seminários realizados desde a criação do GT em 1984.

## 9. GT A MULHER NA LITERATURA

Ildney Cavalcanti – UFAL  
& Liane Schneider – UFPB

### COORDENAÇÃO 2004-2006

Durante nossa gestão, demos continuidade às atividades regulares do grupo (como o apoio na organização do XI Seminário Nacional/II Seminário Internacional Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, agosto de 2005) e planejamos uma dinâmica de trabalho diferenciada, proposta no XXI Encontro Nacional da Anpoll, PUC-SP, julho de 2006. Esse planejamento

objetivou avaliar as formas de trabalho e propor ações mais conjuntas das várias tendências, linhas e projetos.

Além da revisão nas linhas de pesquisa, foi discutida e aprovada, na Assembléia do XXI ENANPOLL, uma nova sistemática de trabalho centrada em eixos temáticos que, redefinidos, receberam coordenações temporárias para organização interna e montagem de projetos de pesquisa articulados. Seis novos membros ingressaram no GT durante o biênio (Ana Maria D. Oliveira, Nícea Helena Nogueira, Adelaine LaGuardia Resende, Lúcia Osana Zolin, Carlos Magno Santos Gomes e Cecil Jeanine A. Zinani).

Os contatos inter-GTs foram prolongados para além dos Encontros de 2005 e 2006, em dois outros momentos: o primeiro, promovido pela Universidade Federal de Juiz de Fora em novembro de 2005, Pós-Graduação e Pesquisa em Diálogo: Encontro de GTs, propiciou trocas entre pesquisadoras/es vinculadas/os a três GTs (o nosso, o “Relações Literárias Interamericanas” e o “Estudos Comparados de Literaturas em Língua Portuguesa”); o segundo foi o Seminário Nacional de Estudos Culturais Afro-brasileiros, realizado na UFPB em dezembro de 2005. Neste, as conferências de abertura e de encerramento foram proferidas por Maria Consuelo C. Campos e Aparecida Salgueiro, ambas do grupo.

Dando continuidade às nossas publicações, lançamos a coletânea *Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades* (Maceió: Edufal, 2006), organizada por Ildney Cavalcanti, Ana Cecília Lima e Liane Schneider e comemorativa dos 20 ricos anos de existência do GT, completados durante nossa coordenação.

## 10. GT A MULHER NA LITERATURA

Liane Schneider – UFPB  
& Márcia de Almeida – UFJF

### COORDENAÇÃO 2006-2008

No que se refere ao GT ‘A Mulher na Literatura’, eu, Liane Schneider (UFPB, coordenadora) e Márcia de Almeida (UFJF, vice), tivemos nossos nomes aprovados como representantes do grupo para o biênio 2006-2008 durante encontro do grupo de trabalho em São Paulo, em julho de 2006. Foi com imensa satisfação que exercemos esta função, acreditando, inclusive, que a mesma, função representativa em sua natureza, assume um papel fundamental também na esfera pessoal, pois propicia às(aos)

coordenadoras(es) oportunidades de visualizar de outra forma (e por outro ângulo) as relações entre instituições de ensino superior e as pesquisas aí produzidas.

Como forma de organização das ações que desenvolvemos, apresentamos imediatamente um plano de trabalho, com as seguintes propostas: repensar, receber sugestões e propor o formato das atividades do nosso GT para os futuros encontros da ANPOLL; colaborar com a organização e realização do XII Seminário Nacional / III Seminário Internacional ‘Mulher e Literatura’, a ser realizado em Ilhéus, previsto para outubro de 2007, sob coordenação da Profa. Dra. Sandra Sacramento (Universidade de Santa Cruz); manter a divulgação, por e-mail, de eventos, publicações e outros assuntos de interesse do GT; manter o contato inter-GTs e divulgar os assuntos em pauta neste fórum, recolhendo opiniões e sistematizando-as enquanto posicionamento do GT em relação aos temas em discussão; organizar projetos de pesquisa coletivos por linha de pesquisa, portanto, três projetos, que possam representar coletivamente o grupo e que estejam definitivamente vinculados aos projetos individuais de cada membro e respectiva linha de pesquisa; colaborar com a manutenção da *homepage*; refletir sobre o papel de um Grupo de trabalho junto à ANPOLL; dar continuidade às publicações vinculadas ao grupo.

Acreditamos, assim, ter mantido em dia a divulgação de eventos, publicações, enfim, os contatos entre membros de GTs da ANPOLL; além disso, decidimos à época criar um espaço eletrônico independente para o GT, não mais vinculando esta página à universidade de cada coordenação, o que implicava em mudanças de endereço a cada dois anos. Assim, adquiriu-se um site próprio, que a partir de então passou a abrigar a página do GT ([www.amulhernaliteratura.com.br](http://www.amulhernaliteratura.com.br)). A partir de 2010, a própria associação criou espaço e condições convidativas para que os acessos a esta página também fossem realizados através do próprio sítio da ANPOLL, o que tornou ainda mais seguro o processo de arquivamento de dados.

Ao longo do biênio, como é praxe, a coordenação organizou o processo de ingresso de novos membros, conforme as normas acordadas no último encontro de São Paulo. Houve vários membros que propuseram ingresso no GT. Gerimos tais processos fazendo o cadastramento dos interessados, encaminhando projetos para pareceristas do GT, etc. Tivemos o seguinte número de ingresso de novos membros por linha durante nossa gestão: na linha de “Resgate”: 02 professoras. Na linha de “Representação de Gênero na literatura e outras linguagens”: 01 professor. Na linha de “Teorias e Críticas”: 01 professora.



## ELÁ SE VÃO 25 ANOS ...

Cristina Stevens – UnB

Integro o GT “Mulher e Literatura” (M & L) desde sua primeira reunião em 1987. Para fazer uma análise do nosso trabalho, decidi organizar um livro que objetivou o mapeamento e análise de nossa atuação desde 1987. Também fui motivada pela constatação da pesquisadora Rita Schmidt, de que “um dos poucos textos, entre nós, a fazer alguma avaliação da crítica feminista, é o de Heloisa Buarque de Hollanda, “O estranho horizonte da crítica feminista no Brasil” de 2003 (SCHMIDT, in *REF*, vol.14, n.3, 2006). Pensei então em atualizar e ampliar essa avaliação, procurando identificar o estado da arte da crítica e da pesquisa na área de Estudos Feministas e de Gênero em nosso país, as tendências teóricas da área, suas traduções/trânsitos, suas potencialidades políticas e epistemológicas, sobretudo no contexto do pensamento pós moderno. O objetivo na elaboração deste projeto foi registrar e dar maior visibilidade para a contribuição do GT neste relativamente novo campo de estudos e pesquisas, seu impacto no mundo acadêmico e, acredito, também numa dimensão mais ampla de nossa sociedade.

O projeto do livro envolveu colegas de várias universidades brasileiras: Cíntia Schwantes (UnB) Claudia Lima Costa (UFSC), Constância Lima Duarte (UFMG), Eliane Campello (FURG), Elódia Xavier (UFRJ), Izabel Brandão (UFAL), Liane Schneider (UFPB), Rita Terezinha Schmidt (UFRGS), Simone Pereira Schmidt (UFSC), Susana Funck (UFSC), Tânia Ramos (UFSC), Virgínia M.V. Leal (UnB), Zahidé L. Muzart (UFSC). Concordando com uma das grandes contribuições da epistemologia feminista – que o pessoal é político – este projeto acadêmico é também um livro de memórias fecundantes e experiências ricas, pessoais e profissionais, que marcaram os 25 anos do nosso GT.

Em julho de 1985, sob a coordenação da professora Susana Funck, realizou-se na Universidade Federal de Santa Catarina o *Seminário Regional sobre a Mulher na Literatura*, um desdobramento natural do GT. O objetivo do seminário era mapear esse campo de estudos na Universidade e articular um intercâmbio entre pesquisadores regionais. A surpreendente adesão ao evento, além do grande número de pesquisas que já estavam sendo realizadas nesta área nas diversas instituições de ensino superior, motivou a ampliação da iniciativa. Assim, em outubro de 1987 realizava-se o *I Encontro Nacional*

A *Presença da Mulher na Literatura*, na Universidade Federal da Paraíba. Desde então, os dois eventos têm crescido consistente e vigorosamente; o último Seminário, realizado em Natal (RN) sob a coordenação de Conceição Flores, da Universidade Potiguar, contou com aproximadamente 1.000 participantes. E a Universidade de Brasília promoverá em agosto de 2011 o próximo, ou seja: o XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura/V Seminário Internacional Mulher e Literatura, no qual a comissão organizadora decidiu fazer uma especial homenagem às escritoras negras.

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) tem um papel relevante na consolidação desse campo de estudos no país; com mais de trinta professoras doutoras desenvolvem pesquisa na área em diferentes programas de pós-graduação e se dedicam, entre outras atividades, à orientação de dissertações, teses, projetos de iniciação científica e monografias de conclusão de curso. Além disto, coordena, desde 1999, a edição da *Revista Estudos Feministas* – REF, considerada a principal publicação com reconhecimento nacional e internacional dessa área, indexada nos principais bancos e fontes de referência científicas internacionais. A UFSC realiza, desde 1994, um evento anual denominado *Seminário Internacional Fazendo Gênero*.

Coordenado inicialmente pela professora Zahidé Lupinacci Muzart, este evento conta hoje com mais de 3.000 participantes, que se organizam em torno de aproximadamente 80 simpósios temáticos, além de minicursos, sessões de *posters*, exposições e conferências. Além dos anais do Seminário, a produção científica se consolida consistentemente: são 13 publicações, 3719 páginas, 285 artigos reunidos, entre os quais 88 dedicam-se a questões da literatura e da linguagem, no esforço contemporâneo de se estar *fazendo gênero*, positiva evidência de contribuição e visibilidade da literatura nesta prática interdisciplinar ‘gendrada’. Como registra Tania Ramos, nossa colega da UFSC, “a Editora Mulheres, na figura emblemática de Zahidé Lupinacci Muzart, é a imagem e constante nas capas e nas fichas catalográficas de nossas publicações. Graças às organizadoras dos periódicos e dos livros; e graças a elas, Editora Mulheres e Zahidé, as duas em uma, a mesma na outra, torna-se realidade uma fortuna crítica sobre gênero, sobre a produção de mulheres, sobre feminismo, numa perspectiva interdisciplinar, transdisciplinar para ser mais exata”.

A Editora Mulheres foi fundada em 1985 por Zahide Muzart, Susana Funck e Elvira Sponholz, a exemplo de várias editoras feministas já existentes em outros países, como Des Femmes, na França, a mais antiga, Una Palabra Otra, na Espanha, Un Cuarto Próprio, no Chile, a Editora Virago, na

Inglaterra, esta última com mais de trinta anos de existência. A Mulheres conta hoje com aproximadamente cem títulos e uma excelente imagem no mercado editorial brasileiro. Seu objetivo inicial era reeditar escritoras do passado, recuperando parte da produção da mulher brasileira no século XIX; um projeto que certamente contribuiu para escrever a história da literatura em nosso país de uma forma mais verdadeira, menos incompleta e patriarcal. Além de literatura, a editora publicou ainda estudos críticos sobre escritoras e questões teóricas dos feminismos, índices bibliográficos e outras obras de consulta, ou seja, instrumentos de pesquisa sobre a literatura feita por mulheres e sobre os estudos de gênero numa dimensão interdisciplinar.

Sem funcionários, sede, bons distribuidores, ela é caracterizada de forma carinhosa por Zahidé como uma editora “de fundo de quintal”. Entretanto, a Editora Mulheres tornou-se conhecida não apenas pela excelência do trabalho editorial e a corajosa iniciativa, mas também pela proposta de trazer a público obras e escritoras do século XIX, praticamente desconhecidas dos leitores. São palavras de Zahidé Muzart: “Não nos movia o lucro mas o amor ao livro e à cultura, além do objetivo primeiro, o de ressuscitar as escritoras do passado. ... Cada livro da Editora Mulheres tem uma história de erros e acertos, de amizade e de companheirismo”.

Um levantamento dos grupos de pesquisa vinculados a instituições de ensino superior e/ou independentes, que visem ao estudo da literatura fundamentado na perspectiva de gênero (v. Diretório dos Grupos de Pesquisa/CNPq) feito pela professora Eliane Campello (FURG/UCPEL), apresenta os seguintes dados, aqui resumidamente apresentados: dos 63 integrantes do GT, 48 apresentam essa vinculação e 15, ou não possuem Currículo Lattes, por serem pesquisadoras estrangeiras, ou não participam de outro grupo. Os assuntos abordados são variados, embora apresentem uma maior incidência em questões que apontam para a história da literatura – cânone, crítica literária feminista, teorias *queer*, resgate de escritoras brasileiras e estrangeiras, história intelectual do Brasil, colonialismo e pós-modernidade. Os dados compilados por Eliane Campello sobre as publicações resultantes dessas pesquisas, evidenciam o vigor da área:

- a) Livros – 19, em 2007; 21, em 2008; 28, em 2009
- b) Capítulos – 63, em 2007; 56, em 2008; 100, em 2009
- c) Periódicos – 51, em 2007; 49, em 2008; 54, em 2009
- d) Anais – 36, em 2007; 38, em 2008; 37, em 2009

Esses dados, comenta a professora, “demonstram o esforço conjunto em questionar e desvelar práticas discursivas que ainda persistem na manutenção das assimetrias sociais. Entretanto, essas descobertas, pela pesquisa, deverão, certamente, se transformar em bases de sustentação de novos comportamentos”.

Ao pesquisar a produção veiculada em periódicos nacionais de integrantes do nosso GT (fonte: Currículo Lattes), resalto alguns dados que considero pertinentes: publicamos em 42% dos periódicos que a área de Letras/Linguística considera relevantes – de acordo com a pesquisa feita pela ANPOLL em 2009, para alimentação dos dados do sistema QUALIS; paralelamente, temos um baixo percentual de participação (10%) nos periódicos citados como relevantes apenas 1 vez na referida pesquisa. Se pensarmos na questão da visibilidade internacional da produção científica do GT, a situação é razoavelmente animadora: 33 dos 229 periódicos nos quais publicamos são produzidos fora do Brasil, em cidades como Frankfurt, Havana, Lima, Lisboa, Montpellier, Paris, Santiago, entre outras. Vale salientar também que estamos consistentemente ampliando nosso espaço em publicações específicas da área de Literatura; isto visibiliza nossa produção acadêmica para o público mais geral da Letras, e possibilita o diálogo com publicações que não estejam diretamente ligadas aos estudos feministas/de gênero.

Os pesquisadores afiliados ao GT têm orientado dissertações e teses, contemplando questões como: autoria feminina, personagens femininas em obras escritas por autores homens, publicação e circulação de obras escritas por mulheres. Segundo a professora Cintia Schwantes (UnB), entre 1991 – ano da primeira tese defendida sob orientação de integrante do GT A Mulher na literatura –, e o ano de 2009, houve um incremento de 400.00 pontos percentuais. Entre 1985 (por ser o ano de fundação do GT, ano tomado como base para as dissertações, embora houvesse defesas anteriores) e 2009, o incremento foi de 2.400.00 pontos percentuais. O total de teses defendidas no período (99), e de dissertações (330), evidencia a vigorosa construção de um corpo teórico de gênero na análise da literatura.

Pesquisando sobre cursos e disciplinas de pós-graduação em universidades públicas brasileiras, Liane Schneider (UFPB) observa que, de forma geral, “quando há um indicativo de estudos feministas ou de gênero na estrutura acadêmica do programa, geralmente este aparece como tópico mergulhado em análises das relações entre culturas, onde sexo, gênero, raça, etnia são apontados como elementos ou eixos pelos quais a pesquisa

circula ou sobre os quais se debruça. A questão específica de ‘gênero’, do ‘feminismo’, da ‘mulher’ ou das ‘mulheres’, ao que tudo indica, já não aparece mais como um tópico independente e autosuficiente, apresentando-se como uma vertente a mais a ser trabalhada entre outras marcações ou terrenos problematizados dentro do leque das relações sociais e culturais”. Schneider avalia como possíveis causas da pouca visibilidade da nossa área na estrutura dos programas de pós-graduação em Letras “as relações de poder dentro da academia, as velhas tensões institucionais derivadas de territórios bem demarcados e não imediatamente abertos a novas inclusões, aliás, geralmente nem tão novas”. As pertinentes observações de nossa colega se aplicam a vários indicadores aqui resumidamente apresentados.

Objetivando a análise da interconexão GT-Núcleos-Redes-Institutos em suas relações interdisciplinares com a literatura – a partir do NEIM/UFBA (Núcleo de estudos interdisciplinares sobre a mulher), o NTMC/UFAL (Núcleo Temático Mulher & Cidadania), a REDOR (Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero) e o IEG/UFSC (Instituto de Estudos de Gênero) –, a colega Izabel Brandão (UFAL) observa que, nesses núcleos, a interdisciplinaridade tem como principal atuação a área de ciências sociais e saúde. A literatura (a arte de modo geral), nesses casos, aparece como um componente de pesquisa, nem sempre na linha de frente, já que as questões sociais são as predominantes.

A pesquisadora Virginia Leal, que trabalhou em sua tese sobre as escritoras brasileiras contemporâneas e o campo literário, ressalta que a noção de campo literário pressupõe diversos elementos constituintes como a autoria, a leitura, as instâncias de legitimação, os canais de produção e distribuição de livros, entre outros. A inserção das mulheres em cada um desses elementos foi investida de dificuldades e peculiaridades, seja como escritoras, leitoras, editoras ou jornalistas. Nesse sentido, o campo feminista, em suas diversas facetas, como a militância e a teoria, influencia diretamente o campo literário brasileiro. Ainda segundo Leal,

no caso específico das escritoras legitimadas no campo literário, a sua presença movimenta o conceito de gênero, como propõe Teresa de Lauretis. É preciso lembrar que o campo literário é influenciado por demandas externas e pelas transformações sociais. Nesse sentido, o feminismo atuou e atua sobre ele, seja possibilitando a entrada de mulheres, seja trazendo temas e determinando as tomadas de posições das escritoras. Por isso, elas respondem às mesmas questões feitas pela imprensa (negando e/ou afirmando a sua diferenciação diante de uma literatura “não-adjetivada” – branca, masculina, hererossexual, de classe média), ou tratam de temáticas antes interdidas. Temas que o próprio

feminismo trouxe ao espaço público, como as relações privadas, a sexualidade, o corpo, a violência doméstica, a maternidade etc. Daí a importância de não se perder a dimensão histórica e política da luta de gerações de mulheres que permitiram a nossa existência como agentes em cada um dos elementos do campo literário, seja como escritoras, leitoras, críticas e editoras.

São essas as questões básicas, as conquistas e desafios enfrentados pelo GT desde sua criação. Acredito que os avanços dos feminismos, como também da área M & L, são inegáveis; embora lentos, são sólidos e irreversíveis, apesar do grande esforço que ainda precisamos continuar fazendo para incorporar ainda mais nossos novos idiomas críticos e ferramentas teórico-metodológicas nos estudos literários em nosso país.

Falando sobre o papel fundamental das revistas científicas para a constituição do campo de estudos de gênero, Margareth Lopes e Adriana Piscitelli, membros do comitê editorial dos *Cadernos Pagu*, enfatizam as necessárias “negociações” entre os interesses políticos que informam os estudos feministas e as pressões das políticas científicas de avaliação/indexação da produção acadêmica. Segundo elas, isto se torna particularmente difícil quando se trata de países considerados periféricos como o Brasil – pelo menos, no que diz respeito à sua produção científica. Ao mesmo tempo em que reconhecem a forte resistência dos chamados “*gatekeepers of science*” em sancionar como excelência acadêmica pesquisas com inevitáveis interesses políticos como as de nossa área, Piscitelli e Lopes mostram-se otimistas quanto a legitimidade acadêmica dos estudos feministas/de gênero:

No campo dos estudos de Gênero, no Brasil, há perspectivas, explicitadas em encontros e seminários, que consideram esse campo como ainda não consolidado. Apesar da ampla produção, há uma argumentação sobre sua fragilidade em termos teóricos e/ou metodológicos. Discordando dessas leituras, acreditamos que os estudos de gênero, perpassando e envolvendo diversas áreas disciplinares com todas as suas diversidades e especificidades, conformam hoje no Brasil um campo de direito próprio. (...) Nesse campo, cujas fronteiras são ainda objetos de negociação e construção e, portanto de disputas teóricas, institucionais e políticas, as publicações científicas cumprem sua função básica de articuladoras das diferentes propostas e perspectivas de ação em desenvolvimento<sup>1</sup> (LOPES & PISCITELLI, 2004, p.118)

<sup>1</sup> LOPES, M.M. & PISCITELLI, A. “Revistas científicas e a constituição do campo de estudos de gênero”. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, vol.12 (no.especial), dez./2004. pp.115/121

Concordo com as observações acima, e também acredito na maturação epistemológica e política dos estudos feministas/de gênero e suas articulações com a literatura. Sinto-me segura em apontar um futuro promissor para a área de Estudos Feministas e de Gênero em nosso país, com a crescente expansão da área “Mulher e Literatura” neste inovador campo (inter)disciplinar. Encerro esta breve análise com mais uma colaboração da colega Tânia Ramos, que nos enviou a célebre frase do Padre Antonio Vieira “Os discursos de quem não viu são discursos. Os discursos de quem viu são profecias”<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> In: Padre Antônio Vieira. “Sermão do 3º Domingo do Advento”. In: *Sermões*. [www.literaturabrasileira.ufsc.br](http://www.literaturabrasileira.ufsc.br). Acesso em 04 de abril de 2010.